

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXVI Volume

Redacção e Administração:
T. do Convento de Jesus, 4 — Lisboa

20 de Setembro de 1913

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27 — Lisboa

N.º 1250



CASAMENTO DO SENHOR D. MANUEL DE BRAGANÇA — A CEREMONIA RELIGIOSA, NA IGREJA PAROQUIAL DE SIGMARINGEN, DEPOIS DO ACTO CIVIL.
(De fotografia enviada ao «Occidente».)

CRONICA OCCIDENTAL

Em Portugal, quando appareceu decretada oficialmente uma ortografia mais ou menos sonica, os poetas não puderam deixar de protestar. Tomou então a palavra Teixeira de Pascoaes...

Quanto a nós, reconhecemos, no fundo, razão ao Poeta, ainda que discordemos quasi absolutamente nos modos de encarar e resolver a questão, não concordando de modo nenhum com a opinião dum amador de filologias que teve a honra de o refutar.

Teixeira de Pascoaes segue um *critério biologico e estetico*.

As palavras são organismos vivos e portanto constam duma parte objectiva e de outra parte subjectiva. Ha nelas a apparencia corporea e por conseguinte *beleza plastica* e uma *expressão interior e psiquica*, que se equilibram e harmonizam perfeitamente. Um corte incidente na sua apparencia corporea, torna-as ridiculas e feias e prejudica-lhes assim a beleza e a harmonia. Tornam-se *comicas*. «O *comico* principia onde a harmonia acaba. Um cavalheiro qualquer, escoregando e caindo no meio da rua, faz rir os transeuntes, porque ofendeu as leis do equilibrio e da harmonia.» Esta ofensa ás leis do equilibrio e da harmonia é, como diz Bergson, «*Un effet de raideur ou de vitesse acquise*».

Mas não é sobre este ponto que se nos fixa a atenção. De resto, esta observação de Pascoaes, que Bergson já effectuara e anotara, é excessivamente intellectualista.

Destas considerações abstrai o Poeta duas regras especiais: a) «Simplificar a forma grafica das palavras cujo sentido é simples, definido ou concreto.» Aqui, assim, a incisão realisa-se sem provocar desequilibrio ou desarmonia na palavra. E' como se fizesse a esse «organismo vivo» a operação, sem melindre da apendicite. Concordamos com a regra. Sómente, reconhecemos que não é critério duma unificação ortografica, como Pascoaes pretende.

O que para um é simples, para outro é complexo. *Coleção*, assim escrita por Pascoaes, desejaríamos nós escrevê-la *collecção*, para nos dar mais precisa a ideia de multiplicidade.

b) «Não simplificar a forma grafica das palavras que encerrem um sentido profundo, abstrato e misterioso.» Se para conservar intacto o sentido profundo, abstracto e misterioso, não devemos simplificar a forma grafica dessas palavras — daqui logicamente se infere que devemos complicar a forma grafica das palavras que, encerrando esse sentido intimo, são escritas dum modo simplicissimo na actualidade. Demais, a applicação desta regra, feita pelo proprio Pascoaes, é algo sorrisonha. Não nos refiramos a ela.

A ortografia fonetica tem os seus motivos plausiveis. Primitivamente, a escrita notulava todas as nuances gloticas. E sendo uma a expressão da outra, era natural que a ortografia seguisse a evolução da fonetica. As letras ou grupo de letras, *h, y, ph, th*, que hoje nada representam, representaram outr'ora um sen-

tido nitido e preciso. São, portanto, corpos que sobreviveram ás proprias almas. São excrescencias organicas de certo modo desnecessarias. Equivalem ao *cæcum* no organismo humano.

A nosso ver, a ortografia etimologica é, na linguagem meramente significativa, inegavelmente um absurdo. E não nos venham dizer que a ortografia etimologica é necessaria para destrinçar acepções nas palavras que, tendo a mesma representação oral, tem diversissimas significações.

Assim — asseveram — escreveremos *scena* e *sena*, palavras de identica representação oral, simplesmente porque uma é expressão de teatro e a outra é expressão numerica ou potamologica. Neste caso, devia procurar-se fazer a destrinça grafica da palavra *canto*, que pôde significar divisão dum poema ou angulo formado por dois muros, de *lima*, que pôde significar fruto ou instrumento de seralheria.

Ninguem na faz.

E' já uma banalidade arrepiante dizer-se que as palavras, por si só, nada significam. A sua significação eleva-se da função exercida, do logar occupado, do sentido logico da frase. E a significação duma palavra tão bem pôde apreender-se no discurso oral como no discurso escrito. A razão, pois, apresentada pelos ortografistas-etimologos não é de certo aceitavel.

Mas o que na linguagem meramente significativa é absurdo, é necessario e logico na linguagem expressiva. Desde que entremos no campo a que se circumscreve a linguagem expressiva, tambem a razão apresentada pelos ortografistas-foneticos não é já aceitavel. Mas igualmente inexactas são as regras formuladas por Teixeira de Pascoaes.

Não é porque certas palavras encerrem um sentido misterioso e profundo, que devem permanecer intactas sob a pompa da complicação filologica primitiva. Não é porque certas palavras encerrem um sentido simples e concreto que elas se devem simplificar.

Ha palavras de sentido nitido e simples que, transportadas para a ortografia sonica vulgar, seriam do mesmo modo sacrilegamente manchadas na sua integridade corporea e psiquica.

A *Pasiphaé* daquele verso celebre de Racine, deante do qual Teodoro de Banville estacava volutuosamente admirativo, perderia o seu sentido grafada diferentemente.

A palavra *Zephyro*, transplantada na escrita simplista de Gonçalves Viana, perde aquella suavissima e remotissima evocação de calmaria doce e amorosa languidês que a literatura antiga instilou na nossa imaginação.

Ha palavras, escritas de modo simplicissimo na actualidade, que assim conservam um sentido misterioso e profundo. Diz Pascoaes que, nestas palavras, a verdadeira harmonia existe entre o seu *sentido* e a sua *expressão sonica*. E' esta uma explicação de retirada. O reconhecimento dessa harmonia, ou é relativo e arbitrario, ou não pôde aceitar-se, visto que só se applica a palavras de precisa expressividade ou onomatopaicas.

A razão é simples.

Na linguagem expressiva, as palavras

valem sobretudo pela sua beleza plastica.

E esta beleza plastica consiste e tonalisa-se na sua enfonia, precisa expressividade, colorido pitoresco e no magico poder evocativo que ergue em a nossa imaginação toda a maravilha das épocas decorridas.

Desta proposição derivam claramente dois corolarios: a) As palavras cuja *beleza plastica* se tonalisa *sómente* na sua eufonia e expressividade, se são complexas na sua grafia, devem simplificar-se; se são simples, não podem complicar-se.

b) As palavras cuja *beleza plastica* consiste no colorido pitoresco e magico poder de evocação, devem permanecer na sua ortografia primitiva.

ANTONIO COBEIRA.



PELO MUNDO FÓRA

Por motivo da retirada temporaria, para tratamento de aguas, do nosso prezado collega d'esta secção, inserimos aqui as seguintes notas extractadas de uma carta com photographias que nos enviou um nosso dedicado amigo, sobre o casamento de D. Manuel de Bragança, em Sigmaringen:

Ha muito tempo que em Sigmaringen não se celebrava uma festa real como a do dia 4 d'este mez, por isso a cidadinha allemã tomou um aspecto desusado logo ao amanhecer do dia 3, em que principiaram a chegar grandes personagens para assistirem ao casamento do Senhor D. Manuel de Bragança com sua prima, a princeza Agostinha Victoria de Hohenzollern, filha do principe Guilherme Augusto Carlos José Fernando Pedro Bento de Hohenzollern, filho do principe Leopoldo de Hohenzollern, já fallecido, e da princeza de Portugal D. Antonia de Bragança, filha de D. Maria II.

O caminho entre o castello de Sigmaringen, onde os noivos se encontravam, e a capella onde se ia celebrar o acto religioso, estava todo enfeitado de arbutos e flôres com decorações de bandeiras azues e brancas e as da casa Hohenzollern.

Às 11 horas do dia 4, no castello de Sigmaringen, foi assignado o termo civil ante-nupcial pelos noivos, sendo testemunhas por parte do Senhor D. Manuel de Bragança, o infante de Hespanha D. Carlos e D. Affonso, duque do Porto, respectivamente primo e tio do noivo; por parte da princeza Agostinha Victoria, o principe Augusto Guilherme, da Allemanha e o principe de Galles.

A este acto civil seguiu-se a cerimonia religiosa na igreja, para onde os nubentes se dirigiram com todo o seu numeroso sequito, sendo aguardados á entrada do templo pelo Cardeal Netto, que fôra expressamente de Lisboa para celebrar o matrimonio, e delegado por Pio X para officiar n'aquelle acto com todas as honras pontificias, não só pela muita sympathia que tinha pelo sr. D. Manuel de Bragança, mas tambem por especial at-



OS NOIVOS SAÍDO DA IGREJA

noivo, príncipe Guilherme de Hohenzollern, pae da noiva, os príncipes de Galles e o infante de Hespanha; á direita o príncipe Augusto Guilherme da Allemanha, grã-duqueza de Baden, duque de Genova e príncipe João Jorge de Saxe, além de mais altas personagens que tomaram logar na capela, havendo tribunas armadas ao lado esquerdo e direito ocupadas pelas fidalgas, repartindo-se a restante comitiva pelas bancadas da igreja.

Na volta da igreja para o Castello, o povo de Sigmaringen fez carinhosas manifestações aos noivos e um grupo de cinquenta raparigas de Hargerloch, com seus trajes regionaes, veio offerecer á princeza Agostinha um grande ramo de flôres, que são ali altamente apreciadas.

Recolhendo todo o grande cortejo ao Castello, ali se realisou, antes do almoço, uma recepção ou cumprimentos aos noivos por toda a côrte presente.

O almoço deu-se numa das principaes salas do Castello, denominada para esse fim *Sala Portuguesa*. A riquissima baixella de prata e de vermeil brilhava por entre os crystaes scintillantes e o colorido das rosas e cravos que perfumavam o ambiente com os seus aromas.

À mēsa foram os logares occupados pela seguinte ordem:

À direita e á esquerda dos noivos sentavam-se: o príncipe Augusto Guilherme da Prussia e a duqueza de Aosta; á direita e á esquerda do príncipe real de Hohenzollern: a senhora D. Amelia e a grã-duqueza de Baden; em seguida, á direita da noiva e do príncipe da Prussia: o infante D. Carlos de Hespanha, grã-duque de Baden, princeza Estephania de Hohenzollern, cardeal Netto, madama Saldanha da Gama, príncipe Alberto de Hohenzollern, viscondessa de Asseca, conde de Andlaw, baroneza de Brueck, Ayres de Ornellas, duque de Luynes, grã-mestre de cerimoniaes, conde de Fgueiró, coronel de Scheliba, visconde de Asseca. — À esquerda do noivo, depois da duqueza de Aosta: o infante D. Carlos de Hespanha, duqueza de Vendome, príncipe João Jorge de Saxe, duqueza de Pal-

tenção para com o imperador Guilherme principal membro da casa Hohenzollern.

O templo encheu-se de povo tendo os convidados, em numero superior a cem, occupado os logares que lhe eram destinados. Foi no meio d'este grande e luzido auditorio, que se celebrou o acto religioso, sob o rito catholico. As perguntas do estylo fôram em portuguez e a ellas correspondeu tambem em portuguez a nubente, pronunciando a pratica do costume, o príncipe abbade Bonard de Santa Maria Eisledelu.

A princeza Agostinha Victoria cingia um riquissimo diadema, oferta de seu noivo, e que é uma linda obra de ourivesaria contendo dois mil diamantes e esmeraldas, cravados em platina, formando flôres de liz, distinctivo dos Bourbons.

A *toilette* da noiva era de seda *liberty* côr de marfim, com *kimoni* de tule branco. O corpete todo coberto de rendas da corôa dos Hohenzollerns com *fichu* das mesmas rendas. A saia terminava em cauda guarnecida das mesmas rendas e apertada á frente em fórma de tunica, guarnecida tambem aos lados de finissimas rendas da corôa. O manto era de brocado de prata riquissimo. O veu era de rendas da corôa, bordado de flôres, preso sobre os cabellos por uma corôa de myrtho, além do riquissimo diadema.

O Senhor D. Manuel, vestia casaca e calção e ostentava as bandas das tres ordens portuguezas e diversas commendas estrangeiras.

Os dignitarios da côrte, que foram assistir ao casamento, entre elles alguns antigos pares do reino, todos vestiam as suas fardas, dando assim áquelle acto todo o brilho principesco.

Chegados ao altar mór, os noivos ajoelharam, tomando logar á sua esquerda a sr.^ª D. Amelia de Orleans, mãe do



O PRÍNCIPE GUILHERME DE HOHENZOLLERN PAE DA NOIVA

mella, príncipe Carlos de Hohenzollern, marquez de Torrigiani Fery, marechal conde de Eulenburgo, marquez de Aguilla Real, marquez de Soveral, condessa de Andiauw, Luiz de Magalhães, baroneza Geyr von Schneppen-berg, general Durr, Azevedo Coutinho, conde de Adelman, barão Freyberg. A' esquerda da gran-duqueza de Bâden: o duque de Génova, princeza Maria Antonieta de Hohenzollern, duque de Montpensier, condessa de Sabugosa, duque de Vendome-Berlui, condessa das Galveias, príncipe Francisco José de Hohenzollern, condessa Adelinann, conde de Tarouca, baroneza de Racknitz, duque de Palmella, Werner, Reck, marquez de Lavradio, marquez de Torrigiani, conde de Blumenthal. A' direita da senhora D. Amelia: o príncipe de Galles, princeza de Carl de Hahenzollern, duque do Coburgo, príncipe Frederico

hoje os mais ardentes e mais intimos votos de felicidade, não é sem reconhecimento por tudo quanto foste para mim, por tudo quanto me deste na tua infantil confiança e no teu fiel amor. A partir de hoje, pertences para sempre a teu marido. Sê para elle um auxilio, um apoio, a companheira das suas alegrias e das suas dôres, prestando-vos risõha a todos os sacrificios. Sêde a sua felicidade e o seu raio de sol, tanto nos dias sombrios como nos bons dias.

Meu querido Manuel, levas para casa tua joven esposa, que alegremente te seguirá para toda a parte onde a queiras levar. Esta união, que sómente desperta nos vossos corações uma radiosa esperança, impõe-te tambem serios e graves deveres. Sêde-lhe na vida guia e meta. Sêde tambem o homem para quem ella levantará os olhos com venturoso orgulho. Pela terceira vez, em menos de cin-

tar ali num palacio de seu tio o príncipe Frederico de Hohenzollern.

Além dos parentes mais chegados do senhor D. Manuel de Bragança, que assistiram ao casamento, com sua mãe a senhora D. Maria Amelia de Orleans e seu tio D. Afonso de Bragança, contavam-se os representantes de muitas casas reinantes, grande parte das quaes aparentadas com as casas de Bragança e Hohenzollern. Assim, encontravam-se alli:

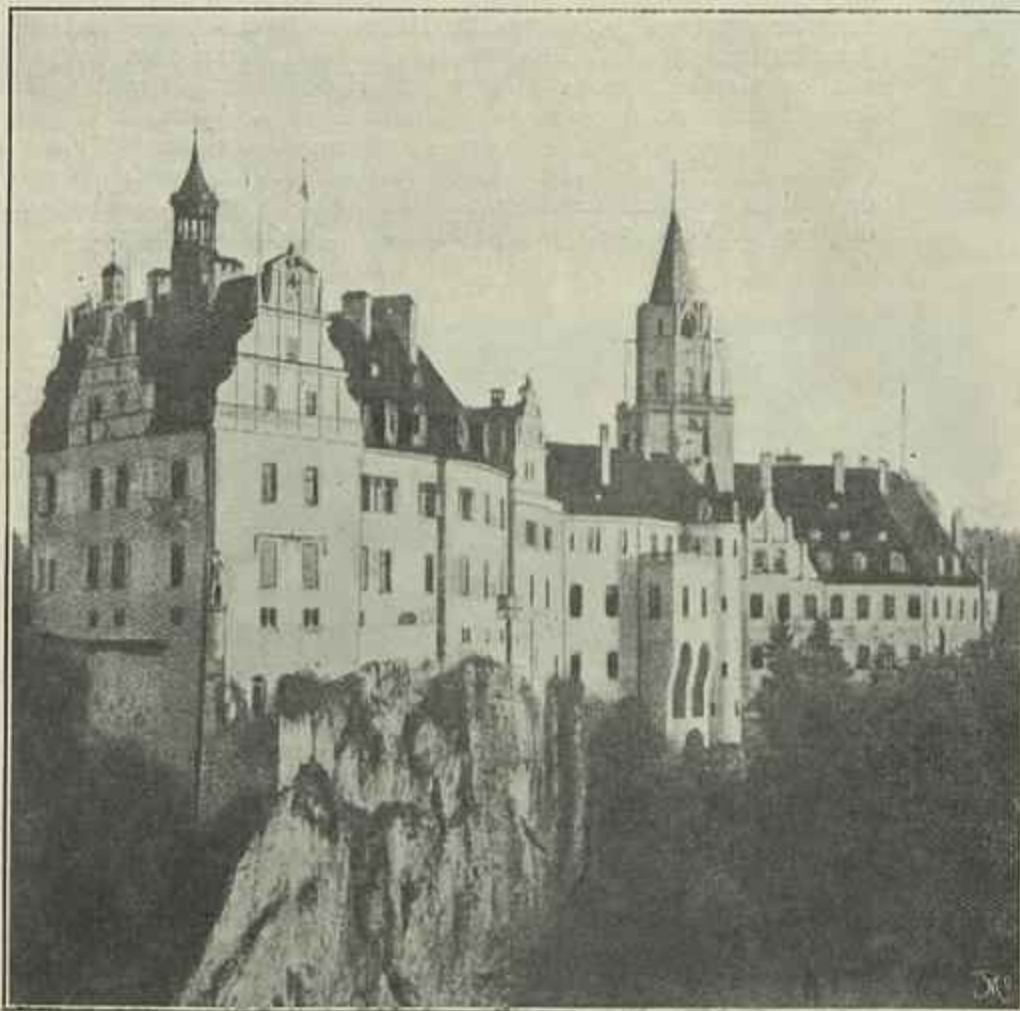
O infante D. Carlos de Hespanha que representava D. Afonso XIII, de quem é cunhado, sendo tio, por afinidade de D. Manuel de Bragança por ser casado com a princeza Luisa, irmã de sua mãe. O príncipe Manuel de Orleans, duque de Vendôme e d'Alençon, que representava o rei da Belgica, de quem é cunhado, primo de D. Manuel por ser bisneto de Luiz Philippe d'Orleans. O príncipe Thomaz, duque de Genova, que representava o rei de Italia, e que é irmão da rainha Margarida, irmã da fallecida rainha D. Maria Pia e, portanto, segundo tio de D. Manuel. O duque de Montpensier e a duqueza de Aosta, tios do noivo, pois são irmãos de sua mãe. O príncipe Fernando da Romania, que representava este paiz, e que é tio da noiva, por ser irmão de seu pae e casado com uma princeza de Saxe-Coburgo-Gotha, da familia de D. Fernando bisavô do noivo. O príncipe Augusto Guilherme, representante do imperador Guilherme da Allemanha de quem é filho e que é do ramo reinante dos Hohenzollern; o do não reinante tem por chefe o príncipe Guilherme, pae da noiva. O príncipe de Galles, que representava o rei de Inglaterra, e que é primo de D. Manuel por parte dos bisavôs paternos de ambos, o príncipe Augusto, esposo da rainha Victoria de Inglaterra e o príncipe Fernando, que casou com D. Maria II, de Portugal. O rei da Saxonia, segundo tio de D. Manuel, visto ter sido casado com a infanta D. Maria Anna de Portugal, sua segunda tia, fez-se representar por um official da sua casa.

Assistiram ainda ao casamento a grã-duqueza de Baden e a de Nassau, ambas ligadas ao ramo Braganças; e da antiga cõrte portugueza, a sr.^{ta} duqueza de Palmella como camareira-mór da noiva, e damas de honor, sr.^{tas} marquez de Lavradio, condessa de Seizal e viscondessa de Asseca; duque de Palmella, marquez do Lavradio e visconde de Asseca, camaristas do sr. D. Manuel, as sr.^{tas} D. Izabel de Saldanha e condessa de Figueiró que acompanharam a Senhora D. Maria Amelia de Orleans, e mais titulares que tomaram parte nas ceremonias e cujos nomes se pôdem vêr nos dos commensaes que assistiram ao almoço.

Entre as prendas enviadas aos noivos notavam-se as taças offerecidas pela rainha viuva Alexandra e pelos reis de Inglaterra; as dos príncipes reaes do mesmo paiz incluindo as do príncipe Arthur e princeza de Connaught; as do imperador da Allemanha, reis de Italia, de Hespanha e da Romania todas lindas obras d'arte e representando milhares de libras.

A colonia portugueza do Brazil, enviou aos noivos um riquissimo diadema de brilhantes, obra de grande valor artistico e de elevado preço.

De Portugal tambem fõram enviados



O CASTELO DE SIGMARINGEN, SOLAR DOS HOHENZOLLERN S ONDE SE CELEBRARAM AS NUPCIAS

de-Hohenzollern, duque do Porto, condessa de Matuschka, príncipe herdeiro de Hohenzollern, condessa de Bruhl, conde de Sabugosa, marquez de Lavradio, Chambellen de Castro, conde de Bruhl, conde das Galveias, conde de Grammont, marquez de Mesa de Asta, tenente-coronel Montasini, barão de Wangenheim. Nas extremidades da mēsa: o conde Spée e o barão de Wangenheim.

O príncipe Guilherme de Hohenzollern, dirigiu aos noivos o seguinte brinde em comevedoras palavras:

«Minha querida filha, acabas de celebrar para toda a vida a união que o teu coração desejou e vais abandonar a casa paterna para seguir teu marido. Comtigo sai o sol d'este palacio e, se formulo

coenta annos, as illustres e antigas casas de Portugal e de Hohenzollern unem os seus destinos. Que d'ahi resultem muitas bençãos. Aos nossos votos juntam-se as orações dos que o throno de Deus esclarece, de tua querida mãe, da minha querida filha, de teu querido pae, meu bom Manuel, e é do alto que elles vos olham e vos abençoa. Uma palavra mais, um derradeiro voto: praticae, na vossa casa, a divisa da minha familia, *Nihil sine Deo*, e que topos os anhelos se reunam num unico grito: Vivam os jovens esposos, sua magestade o rei D. Manuel e sua magestade a rainha Victoria!»

Depois do almoço os noivos partiram em automovel para Ulm onde embarcaram no comboio para Munic, indo habi-

alguns brindes preciosos, pelos monarchicos, devendo notar-se por sua significação, um bracelete feito pelos presos politicos com pedacinhos de metaes tirados dos pratos e de outros utensilios em que lhe são servidas as refeições, tendo gravado as antigas armas portuguezas. Um outro presente constou de um traje completo de lavradeira do Minho, levando um lindo lenço com um verso bordado, por senhoras do Porto, e arrecadas e corações de filigrana de ouro com cordões do mesmo precioso metal.

Em Sigmaringen, por motivo do casamento, foram recebidos innumerables telegrammas de felicitações, contando se muitos de Portugal e do Brazil.

R. M.

Tomada de Ceuta Falecimento de Albuquerque

III

«Mais estanças cantara esta Sirena
Em louvor do illustissimo Albuquerque,

CAMÕES, *Luçadas*, canto x, estrophe xv.

«Não é extinto, não! eterna é sua gloria
Immortal e seu nome, erguido egregio e puro
Nas azas d' esplendor do archão da victoria.

JOSE CARLOS DE GOUVÊA, *Afonso d'Albuquerque*, poema em 10 cantos.

E', com efeito, não extinto em memoria humana, o nome de um dos maiores cabos de guerra de todos os tempos, cabo de guerra, e organisador tambem.

Definiu-o com precisão magistral, na lingua de Voltaire, o erudito portuguez, Visconde de Santarem, falecido longe da patria.

Vou transcrever essa definição ou, antes, vou pôr diante dos olhos do leitor esse retrato:

«ALBUQUERQUE (Alphonse d') surnommé le grand et le mars portugais, naquit à Lisbonne en 1452, d'une famille issue du sang royal. Sa patrie se distinguait alors par son activité, ses richesses; l'étendue de son commerce et le génie des conquêtes. Elle avait découvert et soumis la plus grande partie de la côte occidentale de l'Afrique et commençait à explorer les mers de l'Inde. En 1503, Albuquerque fut envoyé en qualité de Vice-Roi pour gouverner les possessions portugaises dans les Indes. Il débarqua le 6 septembre sur les côtes de Malabar, prit Goddout il fit le centre du commerce en Asie, soumit bientôt après le reste du Malabar, Ceylan, les îles de la Sonde et la presqu'île de Malaca. En 1507, il prit Ormuz à l'entrée du Golfe Persique et accorda son alliance aux rois de Siam et de Pégu qui la lui avaient demandée. E'galement actif et prévoyant il sut se maintenir dans ses conquêtes, et faire respecter le nom Portugais.

On rapporte de lui que, lorsque le roi de Perse fit réclamer le tribut que les princes de l'île d'Ormuz avaient coutume de lui payer, Albuquerque répondit aux envoyés en leur présentant un sabre et une balle: — Voilà la monnaie avec laquelle le Portugal paie ses tributs. — Du reste doux et humain, ses vertus avaient fait une telle impression sur les Indiens, et sont souvenirs s'étaient si profondément gravés dans leur esprit, que long-temps après sa mort ils se rendaient à son tombeau pour se plaindre de ses successeurs. Soupçonné malgré ses vertus par le roi Emmanuel, envié à cause de son mérite et de ses succès, en butte aux calomnies des courtisans, il fut rappelé à Lisbonne et remplacé dans sa Vice Royauté par Lopez-Soares. Il était alors à Goa, où il mourut quelques jours après, en 1515, après avoir écrit à Emmanuel une lettre pour lui reprocher son ingratitude, et lui recommander son fils. Le roi se repentit dans la suite de son projet injuste, et éleva le fils d'Albuquerque aux premières dignités de l'Etat. Ce fils vécut 80 ans, et publia les mémoires de son père à Lisbonne, en 1576, sous le titre de *Comentarios do Grande Afonso de Albuquerque, capitán general da India.*»

A transcrição precedente é feita do volume 1.^o — *Opusculos e Esparsos*, coligidos e coordenados por Jordão de Freitas.

E' difficil encontrar na Historia quem possa admitir linha de comparação com Afonso d'Albuquerque.

Ele pertence, em rigor, á mesma categoria de Alexandre, Anibal, Cesar, Bonaparte. O seu plano, deveras genial, avulta com autentico registo vivo, na Inglaterra contemporanea.

Fosse o nosso paiz, em seu tempo, uma potencia de séde metropolitana melhor provida e em justeza de proporção com as largas aspirações em que se revelava por empresas gigantescas e nós teriamos, com a posse de Aden, garantida, anticipado a Gran-Bretanha e levado a efeito a consolidação perduravel do nosso imperio oriental.

Ruins invejosos, lamentosissima fruta de todos os seculos e de todas as sociedades, deprimiram Albuquerque perante o aventureiro que se chamou D. Manuel, e este ingrato filho da fortuna cega deu ouvidos á calunia!

De tudo isto existe o relato curioso e interessante, pela penna de Damião de Goes, um illustre alemquerense, de quem o ponderado Mendes dos Remedios (*Historia da Literatura Portuguesa*) disse assim:

«Occupa um lugar distinctissimo entre os nossos classicos e está acima delles pelo seu espirito livre e encyclopedico.»

Estava Afonso d'Albuquerque em Ormuz, quando se sentiu adoentado e resolveu partir para Goa, cidade a que votava estima particular.

Foi no trajeto que teve noticia da vinda de Lopo Soares, investido no alto cargo de governador da India, e então, outrosim, produziu a monumental carta, dirigida a D. Manuel:

«Senhor esta é a derradeira, que em soluços de morte escrevo a vossa alteza, de quantas com espirito de vida lhe tenho escripto, pela ter livre de confusão d'esta derradeira hora, e muito contente na occupação de seu serviço. N'este reino deixei um filho por nome Braz d'Albuquerque, ao qual peço a Vossa Alteza que faça grãde, como lhe meus serviços merecem. Quanto ás cousas da India, ella falará por si e por mi.»

Eis como Damião de Goes (*Chronica d'El-Rei D. Manuel*) descreve a fase derradeira do inconfundivel Albuquerque:

«... seguiu sua viagem, e sendo a vista de Goa sentindo em sua disposição se lhe chegar a hora da morte, mandou a hum seu criado que no bargantim se adiantasse, e lhe fosse chamar Fr. Domingos, vigario geral seu confessor, que veio ter com elle sabado á noite, a mesma hora em que surgio na barra, com o qual a passou toda, fallando nas cousas que comprião a salvação de sua alma sendo a tudo presente Pero dalpoem, que deixou por seu testamenteiro, e tendo feitos, e compridos todolos actos de bom christam, ouve Deos por bem o domingo ante manhã xvi dias de Dezembro deste Anno de mil e quinhentos e quinze, o chamar desta vida para a sempiterna.»

Assim acabou, a bordo de um navio, meio abandonado, o homem cujo cerebro primacial e cujo pulso firme haviam assegurado ao regio primo de D. João 2.^o, o renome de immortalidade não merecida e, por certo, jámais agradecida!

As realezas não se compadeceram, no passado, com as dignificações integraes de justiça e com a prova solene de direito, em que se continuam.

Quiz, entretanto, o antigo duque de Beja, remediar de algum modo, a má impressão de substituir, por Lopo Soares, o unico servidor do Estado que lhe cumpria manter na India; e, para tanto comunicou a Albuquerque houvesse de escolher o governo que lhe agradasse, em que se investisse, isento de jurisdicção do mesmo Soares, a quem se seguiria com o titulo de vice-rei.

Era, porém, morto Afonso d'Albuquerque, ao chegar a Goa similhante despacho official, que apenas, portanto, constituiu desde logo documento genuino de apreço historico.

Não menos do que a tomada de Ceuta devemos comemorar o passamento do conquistador de Goa, Malaca e Ormuz.

Ceuta foi inicio de uma aurora resplendente, que, mediante o esforço intemerato d'aquelle homem gigante, alcançaria o zenith em reflexos deslumbrantissimos da sua espada *terribil*.

Terribil, o denominaram, *terribil*, já agora valerá como epíteto em sequencia do seu nome;

mas, sem embargo do aspecto mal soante do vocabulo, a figura do heroe sobressairá límpida nos fastos portuguezes, como pertencendo ao inclito genio de guerreiro sabio e organisador, que marcou para sempre a expansão nacional em obra immorredora, — o Imperio da India!

De falta de brio e de dignidade, em face do mundo, seria testemunho triste por nossa parte, o não tomar a peito em consagração de orgulho patriótico, as duas datas — 21 d'agosto e 16 de dezembro — occorrentes centenariamente no proximo futuro ano de 1915.

Definem o periodo aureo da nacionalidade, rasgam-se ao Progresso e á Civilisação geral dos povos, com que de positivo se identificam, n'uma palavra, simultaneamente, fornecem o tema grandiloquo ao épico inspirado que, á parte Homero e Virgilio, não teme rival em literatura alguma!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Esboçeto

Uma pequena flor, que olha prá gente
Escuro o olhar, no rosto, varias cores,
Feito singular entre as mais flores,
Aroma, ouço dizer que alguém lhe sente.

De noite e dia aberta, e permanente
Do sol não se arreceia dos ardores,
Da amiga lua agrada-lhe os favores,
Pra todos nasce e ri condescendente.

Ostenta á môr altura do seu rosto
Fino diadema recurvado estreito,
Vario na cor, e primoroso em gosto,

Se eu d'essa flor tivesse a forma e o geito
Quizera em teu jardim viver disposto
E para ti Florir *Amor perfeito*

Torre de Entre os Rios — 1913.

NEMO.

Monumentos de Portugal

O Convento da Batalha

(Continuado do n.º 1248)

As outras duas janellas que se abrem n'esta fachada pertencem ás naves lateraes do templo que são muito mais baixas do que a nave central. N'estas janellas, além das columnas que as guarnecem e dividem, só as bandeiras ostentam os delicados labores da janella principal.

As naves lateraes tambem são coroadas de graciosas rendas, e flanqueadas de gigantes com suas pyramides, porém aquelles inteiramente despidos de ornatos.

As fachadas lateraes da igreja não são menos nobres e bellas. A do lado do norte cae sobre o claustro real, e a da parte do sul deita para uma rua da villa. Compõe-se este lado do monumento dos dois corpos das naves central e lateral; do cruzeiro e da capella môr.

A nave central é toda rasgada em 16 formosas janellas, 8 por banda, com suas divisões de columnas e bandeiras de pedra rendilhadas, correndo-lhe por cima a mesma gradaria que corôa a fachada principal, igualmente decorada de pyramides.

As naves lateraes contam quatro janellas menos porque o espaço d'estas na do lado do sul, é occupado com a capella sepulchral, chamada do *fundador*. As janellas d'estas duas naves são eguaes em feitura ás que lhe ficam superiores, porém de maiores dimensões. Corre-lhes por cima a mesma corda de grades e pyramides. Entre as janellas das naves lateraes erguem-se gigantes ou botareos, que correspondem ás pyramides das grades, junto das quaes pyramides se apoiam os gigantes ou botareos vasados e abertos em quarto de circulo, e guarnecidos de recortes, que servem de sustentaculo á nave central, prolongando-se em todo o seu comprimento, e nascendo da parte superior da parede, entre as janellas, e contiguo á base das pyramides que decoram a gradaria da dita nave central.

O cruzeiro, do lado da fachada do sul, apresenta um prospecto tão bello e grandioso, que o poderia desejar para sua frontaria principal qual-

quer sé com pretensões a sumptuosa. A porta travessa e uma grande e formosa janella tomam a frente do cruzeiro em quasi toda a sua altura e largura, e diria toda exclusivamente, se não fossem os gigantes ou botareos que a robustecem por ambos os lados, e a renda de pedra que a corôa, juntamente com os esbeltos e floreados corucheos em que terminam os gigantes. A porta travessa é muito diferente da principal, mas de um risco também elegante, e com tal combinação nos ornamentos, que, apesar de ser toda coberta de brincados, e variados labores, pôde se dizer que está decorada com elegancia e singeleza. Quanto á sua janella, todo o seu luxo consiste, além das columnas que a formam, na bandeira, que é uma renda de graciosa invenção e de subtil lavor, sustentada por delgadas columnas que dividem as vidraças de vidros corados.

No lado opposto do cruzeiro abre-se uma janella semelhante a esta no feitiço, porém mais pequena, por causa do altar que lhe fica por baixo em correspondencia á porta travessa. Tem o cruzeiro mais quatro janellas eguaes ás da nave central, duas que deitam sobre a cobertura das naves lateraes, e duas sobre as abobadas das capellas do mesmo cruzeiro, collateraes da capella mór.

Tem a capella mór a fórma polygonal, e por corôa a mesma renda de pedra e corucheos floreados que servem de remate aos gigantes que a cercam, no intervallo das janellas. Nas paredes lateraes abrem-se as janellas na parté superior, deitando sobre as coberturas das capellas do cruzeiro. O fundo da capella mór é todo rasgado, de alto a baixo, de



janellas dispostas em duas ordens, as cinco superiores muito grandes, indo acabar nos gomos da abobada; as outras cinco mais pequenas.

Visto de cima da abobada apresenta o templo a fórma de uma perfeita cruz, sendo feita a haste pela nave central do corpo da igreja, os braços pelo cruzeiro, e o prolongamento da haste pela capella mór. As abobadas das tres naves, do cruzeiro, e da capella mór são cobertas por lageas ou telhões de pedra. Dão accesso para estes terrados duas escadas em helice com 120 degrãos abertos no grosso das paredes do cruzeiro, onde tem a entrada; e cuja cobertura são elegantes e altas pyramides, ou corucheos todos arrendados e lavrados com diversidades de esculpturas.

O aspecto grandioso e bellezas externas do edificio parece que preparam o visitante para a bella perspectiva que o interior do templo lhe offerece. Todavia, a impressão que se sente ao transpôr o limiar da porta, excede toda a expectativa, pelo maravilhoso quadro que se patenteia de subito aos nossos olhos.

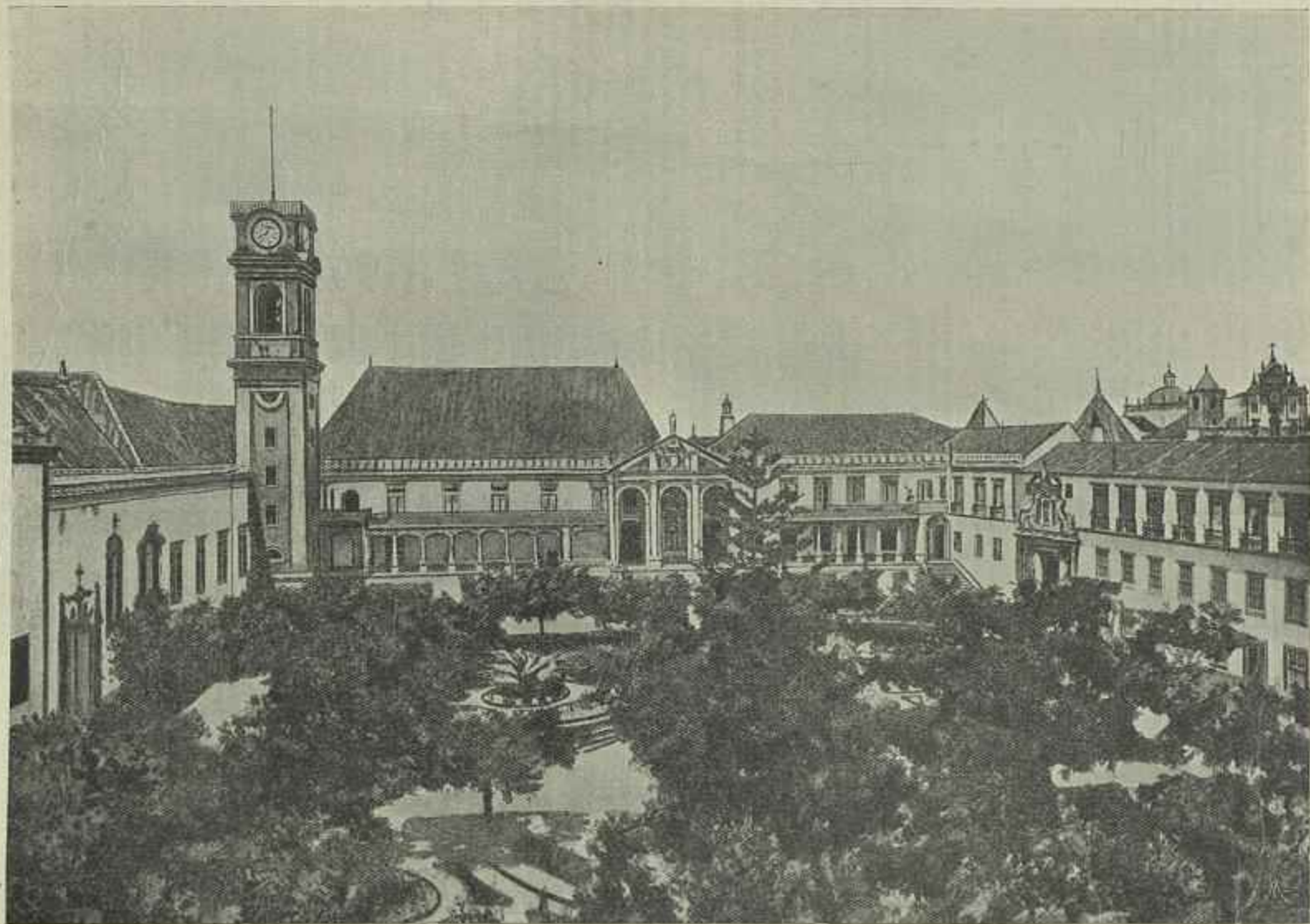
E' aqui que se revela com mais clareza o pensamento elevado do architecto; a sabedoria com que calculou as proporções de cada uma das suas partes, e com que uniu todas n'um laço perfeitamente homogenio; finalmente a arte e bom gosto com que distribuiu os ornamentos, alliando a magnificencia com a singeleza, sem prejudicar a riqueza dos ornatos, nem a severidade do todo.

(Continúa).

I. DE VILHENA BARBOSA.



NAS PRAIAS DE PORTUGAL — EM CASCAES, MENINAS QUE TOMARAM PARTE NO CAMPEONATO DE «TENNIS»
NA FIGUEIRA DA FOZ, A PRAIA DE BUARCOS



VISTA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
(Cliché do sr. Alberto Malva)

A Universidade de Coimbra

Protestou Coimbra nobremente contra o dobramento da faculdade de direito da sua Universidade para a Universidade de Lisboa, sentindo-se ferida nos seus direitos seculares de cidade universitária e nos interesses que daí lhe provinham, com os quaes muito tem progredido, moral e materialmente.

Cidade linda, que aos encantos naturais reúne os que a arte lhe tem dispensado. Berço de tantos reis e de poetas, que ali nasceram e de tantos que lá desabrocharam para a poesia e para o amor, pelo que bem se pôde chamar cidade de amôres, desde aqueles da *linda Inez*, que Camões cantou, até aos que tem inspirado a dezenas de gerações de estudantes que ali se tem consagrado sabios e poetas, cantando por noites luarentas, sob os salgueiros do Mondego, como Antonio de Serpa cantava:

«Quem nunca viu Coimbra
Pela brisa embalada
Do Mondego,
Que d'amoroso timbra,
Na margem reclinada
Com socêgo,
Não sabe o que é beleza,
Ail não conhece a filha
Dos amôres,
Mais nobre que Veneza,
Mais linda que Sevilha
Sobre flôres...»

Com taes prerogativas proprias, Coimbra tornou-se o maior nucleo da ciencia, no coração de Portugal, no centro mais aprazível da sua paisagem, onde tudo convida ao estudo, á contemplação e á meditação. Nela se instruíram e educaram gerações sobre gerações de homens que irradiaram por todo o país a sua luz, e seu nome passou além fronteiras.

De quatro seculos vem a fundação definitiva da Universidade de Coimbra; de mais longe vem a fundação dos estudos universitarios em Portugal, pois a primeira Universidade que se fundou no país foi em Lisboa, pelo rei D. Diniz, em 9 de agosto de 1290, data em que chegou a bula da confirmação da *De statu regni Portugaliae*.

E escolheu-se o sitio da Pedreira, em Alfama, proximo á porta da Cruz ou da Moeda Velha, para fundar esta Universidade, onde desde logo se principiou a ensinar Leis, Canones, Gramatica, Logica e Medicina.

Em Lisboa esteve esta Universidade 16 anos, de 1292 a 1308, sendo então mudada para Coimbra, por bula do papa Clemente V e sob a proteção de S. Vicente Martir. Improvisaram-se as aulas numas casas particulares, proximas do paço das Alcaçovas, emquanto se construiu no mesmo local o collegio de S. Paulo, onde hoje se vêem os fundamentos do projetado teatro Academico.

Foi esta Universidade aumentada com o curso de musica, conservando-se em Coimbra até 1338, em que D. Afonso IV a transferiu para Lisboa, voltando de novo para Coimbra, por ordem do mesmo monarcha, em 1354.

Vem depois D. Fernando I que ordena a transferencia da Universidade para Lisboa, indo para o mesmo sitio onde já estivera e que ainda hoje é conhecido pela designação de *Escolas Geraes*.

Do papa Gregorio II impetrou D. Fernando uma bula para conceder os graus de bacharel, licenciado e doutor aos universitarios.

D. João I confirmou todos os privilegios desta Universidade e prometeu que ella não mais seria transferida de Lisboa. O infante D. Henrique doou-lhe umas casas que tinha na freguezia de S. Tomé, abaixo de Santa Mariôha, com a condição de nelas se estabelecerem aulas de Geometria e de Astronomia. D. Manuel I ampliou a velha Casa da Moeda, aumentou o ordenado aos lentes e estabeleceu o ensino da Teologia e da Filosofia.

Em 1537, porém, D. João III, convidando professores estrangeiros, resolveu que a Universidade voltasse para Coimbra e, desde então, ali se tem conservado.

Vê-se por aqui quão instavel foi a permanencia da Universidade nos seus dois primeiros seculos de existencia, como tambem se pôde avaliar quão insufficiente era o ensino que se ministrava fóra dali, visto que na Universidade é que se aprendia gramatica, logica, musica, etc.

Desde esta época começaram a desenvolver-se os estudos universitarios. D. João III mandou estudantes portuguezes completar seus estudos

nas afamadas universidades de Paris, Oxford, Bolonha e Salamanca. No mosteiro de Santa Cruz estabeleceram-se as faculdades de Teologia e Artes; as de Medicina, Jurisprudencia e Decretos, instalaram-se em uma casa junto á porta de Belouce, cedida para esse fim por D. Garcia de Almeida, primeiro reitor desta Universidade. Não bastando, porém, as instalações citadas, ainda o mesmo monarcha, cedeu á Universidade os paços reais, que D. Manuel I reedificara.

Hoje a Universidade de Coimbra fórma um conjunto de edificios que com o tempo se foram construindo e ligando, como se vê pela gravura que publicamos a pag. 287.

Transposta a *Porta Ferrea*, entra-se no grande atrio ajardinado em volta do qual estão as diferentes aulas. A fachada principal na frente, ladeada por duas galerias de colonatas, chamada a *Via Latina*, é a que dá entrada para a *Sala dos Actos* ou dos *Capelos*, que foi concluida no reinado de D. João IV. Esta sala, grandiosa, é bastante sombria, não só devido á sua decoração de damasco vermelho, que lhe forra as paredes, com altos lambris de azulejos, e uma serie de quadros a oleo, retratos dos reis de Portugal, mas ainda as pinturas escuras do tecto, em gavetões e as poucas janelas que de alto lhe escóam a luz. E' nesta sala, de aspecto monastico, que se celebram com toda a solenidade, um tanto liturgica, a cerimonia da imposição do capelo (1).

Ao lado direito de quem entra, corre a frontaria do Collegio de S. Pedro, destacando-se o portico encimado por um frontão que duas grandes cariátides sustentam.

Do lado oposto e no respectivo angulo, ergue-se a grande torre, de fórma quadrada, que, pela sua altura de 30,50 metros, domina todos os edificios da Universidade. Esta torre foi construida entre os anos de 1728 e 1733 e custou 14:543\$522 réis. Esta construção, sob o ponto de vista estético, deixa muito a desejar, no entanto a esplendida vista que se disfruta do alto do seu terraço compensa talvez o custo da obra.

Segue-se a Capela, mandada construir por el-rei D. Manuel, como logo se vê pelo estilo do seu belo portico, mas que foi concluida por D. João III, sob a direcção do arquiteto Pedro Annes. Nesta capela se celebravam os actos religiosos da Universidade, como o juramento dos lentes no dia 1 de outubro, a missa do Espirito Santo a que tinham de assistir os doutorados antes da imposição do capelo, etc.

Contigua á Capela é a bibliotheca que D. João V mandou edificar e que custou 66:622\$129 réis. Esta bibliotheca é suntuosa como todas as obras deste monarcha. Principiando pelo portico de altas columnas monolíticas que o fórma, e continuando, em todo o interior a riqueza decorativa das estantes da grande sala em obra de talha dourada e mesas no mesmo gosto, as pinturas a fresco dos tetos, vendo-se na terceira sala um soberbo retrato do fundador, em custosa moldura de talha dourada (2).

Muitas e preciosas edições antigas e raras se guardam nesta bibliotheca, das mais opulentas de Portugal, pois calcula-se em mais de 40:000 os volumes que possui, além de uns 100:000 recolhidos dos conventos, que se arrecadam nos subterraneos.

Completando estes edificios da Universidade, segue-se-lhe o Observatorio Astronomico, mandado construir pela rainha D. Maria I, de 1790 a 1799, sob os desenhos do arquiteto da Universidade Manuel Alves Macombo e dirigidas as obras pelo lente de matematica José Monteiro da Rocha.

Além dos edificios apontados, ha outros que constituem dependencias da Universidade e são: Museu de Historia Natural, Hospital, Observatorio Meteorologico e o Jardim Botânico, o mais rico do país e de que é actual director o sr. Julio Henriques, que tem cuidado do seu desenvolvimento com intelligentissimo cuidado.

Resta ainda referir o Museu da Universidade, obra pombalina, cuja primeira pedra de seus fundamentos foi lançada em 13 de maio de 1773, dia escolhido pelo reitor D. Francisco de Lemos, por ser o do aniversario do marquês de Pombal. O grande reformador, estendendo sua acção a todo o país, não podia esquecer o primeiro estabelecimento científico de Portugal.

Os novos estatutos com que reformou a Universidade é considerado um trabalho da mais elevada concepção, tão radical e profundo que logo entrou em execução com otimos resultados.

Para esse feito foi o primeiro ministro de

D. José a Coimbra, com latos poderes, fazendo-se acompanhar de luzida comitiva, como pessoa que representava El-Rei, sendo recebido com todas as honras, a 22 de setembro de 1772. Ali se demorou um mez para pôr em prática a sua reforma, no que foi coadjuvado pelo reitor D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, bispo de Zenopole, coadjutor e futuro sucessor do de Coimbra.

Para instalação de novas faculdades então creadas, se construíram e adaptaram varias casas que ficaram dependencias da Universidade, e o marquês de Pombal mandou vir de fóra professores estrangeiros com que completou este estabelecimento de ensino, um dos primeiros da Europa, onde sua fama é proverbial. Os estudos nesta Universidade não tem estacionado e antes progredido bastante, nos ultimos anos, consoante o progresso das ciencias.

C. A.



Por montes e valles

(Notas a esmo.)

(Continuado do n.º antecedente)

Em pleno campo, quando o sol despontava no horizonte e vinha encher de luz os prados perfumados e os valles floridos, já eu estava lendo á janella do meu quarto um artigo de Emilio Faguet referente a ferias de estudantes. O illustre escriptor, fallando do mez de setembro, diz: «*Je lui voudrais un joli nom, fait de joie, d'abondance, de grâce plaineureuse et d'un commencement seulement de melancolie douce.*»

Se Emilio Faguet conhecesse o mez de setembro n'esta região, chamar-lhe-hia o mez da Luz; pois toda esta payagem é illuminada de um tal brilhantismo de sol, que as estradas e regatos assemelham-se a fitas de prata muito brancas que se alongam dolentemente.

A natureza, os contornos das arvores, os lugarejos espalhados ao longe nas encostas dos outeiros, iam apparecendo, pouco a pouco e a luz tenue da madrugada ia cedendo lugar a outra mais scintilante, conforme ia subindo no horisonte o grande astro da vida.

Uma ave passou piando perdendo-a depois de vista para o outro lado da montanha, e tive vontade de perguntar como em uns versos de Xavier de Mais-tre:

*Parle-moi du bruit des torrents,
Des lacs profonds, des frais ambrages,
Et du murmure des fenillages
Qu'agite l'halime des vents.*

Deixei por momentos o livro que estava lendo, e pensei em todos aquelles que não comprehendem as mil variedades de attractivos que o campo encerra!

No campo a nossa alma expande-se, e seja artista ou não, ha-de por força reconhecer o encanto do Bello, que alli está vincado nos menores detalhes, n'esses pequenos nadas que são sempre grandes paginas do glorioso livro da criação.

Para quê nega-lo? Não nos sentimos pequenos, verdadeiros pygmeus, quer nos encontremos perante uma grande montanha, ou na frente d'um abysmo profundo?!

As arvores seculares com as suas copas frondosas espalhando sombras benéficas e agradaveis, onde as aves se ani-

(1) Vide OCCIDENTE, vol. III de 1880, pag. 65.

(2) Vide OCCIDENTE, vol. III de 1880, pag. 1.

nham quando a noite chega e d'onde com os seus gorgeios louvam o romper da aurora, não serão revelações de poder do Creador?



LUGAR DO AVENAL AO AMANHECER
(Cliché do sr. Alfredo Sacavem)

As azinhagas, os atalhos floridos, os regatos cheios de frescura, as fontes murmurantes, não indicarão um grande poder sugestivo ao pintor, ao musico, ao poeta atravez da gamma das côres, da combinação dos sons, da escolha das rimas?

O meu pensamento ia assim divagando e o sol já alto illuminava de tal in-



A TORRE DA EGREJA MATRIZ DAS CALDAS
(Cliché do sr. Alfredo Sacavem)

tensidade os campos, que toda a paisagem se fundia agora em uma symphonia de collorido intenso, como se quizesse

revelar ao meu pensar que se achava revestido de seu manto de brilhantismo, para o admirar, e lhe prestar preto e homenagem.

Sahi para poder respirar melhor aquelle ar matutino todo elle perfumado pelas singelas flôres dos atalhos, e embrehar-me por aquelles pinhaes, assobreados e atapetados de espessa caruma.

Gente que passava dava-me os bons dias, com aquelle aspecto de ingenuidade que não se encontra nas cidades. Os tufos dos pinheiros rangiam ao vento, e sons de vozes chegavam aos meus ouvidos, semi confusas.

Das chaminés das casas, muito caiadas de branco, sahiam espiraes de fumo que se elevavam pelos ares; eram os primeiros lumes do dia: iniciavam-se os primeiros labutares dos lares, d'aquella gente pobre, humilde, de corações singelos e simples.

Em todas aquellas almas rusticas havia o estigma da simplicidade, despida de convencionalismos sociaes. De sol a sol labutam e a terra que lhe absorve o suor do rôsto, é a sua segunda mãe. E' o torrão que os viu nascer, que lhe amparou os primeiros passos e que os ouviu pela primeira vez chorar.

Ha typos no nosso

campo que, vistos uma vez, jamais se olvidam. Maria Angela está n'este caso.

Maria Angela?! perguntará o leitor, admirado de eu vir fallar aqui d'uma pobre creatura, quando o meu pensamento divagava pelas regiões da phantasia!

E' que Maria Angela encarna na sua alma o soffrimento mais nitido, mais caracteristico da tristeza, da saudade, acariciadas por esse torrão que a viu nascer, por esse rincão de oliveiras lá ao longe junto ao rio.

Maria Angela era considerada a moçoila mais formosa do seu tempo, ainda hoje existe o José Vicente, barbeiro, que attesta que fez andar á roda muitas cabecitas na sua mocidade.

Hoje... são apenas restos de formosura passada; desgostos vieram uns apoz outros e os annos foram pouco a pouco decompondo aquellas linhas do rôsto, dos peitos, das ancas, restando apenas o olhar cheio de carinho e bondade.

Quando nova, o seu casamento com o Manuel da Quinta foi festa rija na aldeia, o sino da capella repicou todo o dia! Se ella era a mais linda do lugar! O marido, passados annos, morreu de febres, deixando-a abandonada com tres

filhinhos, que ella foi amparando á custa de duras economias até se fazerem homens. Mas a desgraça de Maria Angela não ficou por aqui, parece que uma estrella funesta a acompanhava sempre! O mais velho, o Antonio, como militar la mórreia nas Africas defendendo como um heroe a bandeira da sua querida Patria; o do meio, o José, suicidara-se por causa da mulher que o enganava; o mais novo, o Thomé, atravessara-lhe o peito uma bala, por engano, n'uma desordem n'um arraial.

Todas estas dôres reunidas, formaram a maior tortura da sua alma!

Os annos passaram e hoje a Maria Angela, longe do mundo, resando apenas pelos seus que Deus lá tem, ampára conforme pôde os desgraçados que á sua porta batem.

Maria Angela é caritativa como a ter-



NAS CALDAS DA RAINHA — UMA BURRICADA A OBIDOS SAHINDO DO LARGO DA COPA
(Cliché do sr. Alfredo Sacavem)

ra que ella amanha; esta dá-lhe trigo, centeio, milho para a desgraçada repartir pela pobreza; e parece que as lagrimas dos pobresinhos que ella acólhe lhe vão regar a fazenda, pois esta está sempre tão viçosa!

Pelo menos é a lenda que corre pela aldeia... e não será agradável acreditarmos n'ella?

(Continúa).

ALFREDO PINTO (SACAVEM).



ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre autorizada pelo auctor, por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

V

TRIUMPHO INUTIL.

(Continuado do numero antecedente)

Atravez do Oceano, alcançou um grande successo tanto para o auctor como para a cantora. O publico que se mos-

trára ao principio bastante frio perante o nome quasi ignorado de Mauricio Fombreuse, no final, sob a influencia da artista, applaudiu a obra com sinceridade. Varios trechos foram bisados, entre elles *A Despedida* e a *Solidão da Noiva*. Quatro chamadas teve a cantora, e o nome do auctor foi chamado apezar de Fombreuse não ter querido apparecer.

Quando Anna entrou no *foyer*, Steinbaum beijou-lhe a mão.

— Obrigado por elle, disse o gravador mostrando Fombreuse que, palido e feliz, inclinou-se com um gesto de emoção, obrigado por mim e tambem por todos os artistas. A senhora hoje foi grande como as notaveis artistas.

— Querida pomba, foi admiravel!

Era a sr.^a Rudennis que se precipitava nos braços da cantora, com os mais calorosos encomios.

— Que bello *Orfeo* que nos prepara! A Salviana, não pôde calcular... Estamos contentissimos. Já vê que pôde perfeitamente cantar a opera. E vós, Lescourias, os meus cumprimentos, que maneira admiravel no acompanhamento! Até eu era capaz de cantar se o senhor estivesse no piano!

— Se a sr.^a condessa deseja, vou já para o piano, respondeu Lescourias com aspecto de macaco malicioso.

— E o scenario, sr. Steinbaum.

— Tudo estará prompto no tempo competente.

— Emquanto ao sr. Fombreuse, bem sabe que fui das primeiras a applaudir a sua obra.

Fombreuse não respondeu nada. Tinha visto no corredor o general e a filha que vinham felicitar Anna. Serafina abraçou a artista com sinceridade.

— E' esta, Steinbaum, disse o compositor apertando o braço do gravador.

O general, em duas palavras, elogiou Fombreuse, o seu talento, a sua obra. Serafina disse-lhe:

— Sr. Fombreuse, applaudi a sua obra com toda a sinceridade do coração.

A sr.^a Rudennis veio cortar a conversa:

— Bôa noite, general, bôa noite minha querida. Onde está a sr.^a Carbranches? Não está doente? Não? Tanto melhor. É a resposta ao meu convite? Eu conto com todos V. Ex.^{as} no mez de agosto. A nossa Anna será uma maravilha. Os vossos quartos já estão guardados no castello. Não imaginam, até na aldeia tive de alugar alguns quartos; será uma verdadeira peregrinação de S. João. Serafina é que está mais indecisa.

— O contrario, minha senhora, meu pae é que está mais; por mim disse a Anna que lá iria applaudir-la.

— Ah! general, general, não pôde recusar o pedido de uma velha amiga, a quem, ha tempos que já lá vão, fez dois dedos de côrte...

Fombreuse levára Steinbaum um pouco para longe do grupo:

— Ouviu, meu amigo? Ella vae a Feunteungoat, acha-a bonita?

— Nunca uma tão delicada figura foi imaginada para um sonho de artista.

— Não é verdade que é preciso amala?

— De vagar, Fombreuse. A Cozan está sempre a olhar para nós. A mulher que ama nada lhe escapa. A menor des-

confiança, apaga-lhe a sua felicidade d'hoje. E' talvez a ultima illusão que sentirá por vós.

Anna Le Cozan olhava para Fombreuse. Tinha adivinhado a tristeza do compositor e dentro do seu coração havia qualquer lucta mysteriosa que ella não podia já comprehender!

O editor Reynaud, um homem de idade, typo de normando, apertára a mão da artista, tecendo-lhe uma chuva de cumprimentos.

— De quem são essas *insignificancias sonóras* que hoje cantou?

— De Mauricio Fombreuse, que está alli; deseja que o apresente?

— Não, não é preciso; já está editada esta obra?

— Ainda não.

— Ah! mas tem outras...?

— Sim, algumas peças para piano; é muito novo, o melhor discipulo de Cesar Franck.

— Musica difficil e de fraca venda.

— Mas bella e sincera! Que farei applaudir nos meus concertos.

— Mas V. Ex.^a sabe se elle já fallou com algum editor?

— Não, que eu saiba.

— Em bôas condições não me importava... Um sacrificio para a escola moderna.

Outros vinham saudar a illustre cantora. Por vezes ouvia-se a voz da condessa de Rudennis, que, em phrases sonóras, fallava no talento da cantora e na festa do seu castello.

No dia seguinte á tarde, pelas sete horas, Anna Le Cozan batia á porta de Steinbaum. Umas corridas foram ouvidas no corredor; eram Karl e Franz que vieram logo beijar a cantora.

— Ainda não chegou, disse Karl com mysterio.

— Venha ver, como tudo está bonito hoje.

O *atelier* não continha os moveis nem as mezas de trabalho; as paredes estavam guarnecidas de verduras que Steinbaum e as crianças tinham ido buscar ao bosque. Varias estampas de homens notaveis estavam pelas paredes emolduradas com ramos e verdura. Ao centro uma meza, já posta, tendo no meio um singelo ramo de flôres. A um canto estava o piano de Fombreuse.

— Aprendi uma musicasinha do sr. Fombreuse para a tocar á sobremesa, disse Karl.

— Não está fatigada? disse Steinbaum, apertando-lhe a mão.

— Pelo contrario, os applausos, as ovações dão vigor; onde está a sr.^a Lisbeth?

— Na cosinha; nada lhe escapa.

Havia n'aquella casa uma atmospheria de afeição, de paz, que fazia recordar a Anna as reuniões antigas em que a sua alma se sentia quente sob as azas da familia.

Fombreuse veio logo.

Karl e Franz arrastaram a cadeira para o *atelier* e logo que a mãe se sentou á mesa todos lhe seguiram o exemplo.

A bella figura de Steinbaum dominava todos. Estava bem disposto, contente, parecia por vezes um verdadeiro rapaz, recordando cheio de alegria, tempos passados de mocidade. Os filhos riam muito

com o seu aspecto de criança, olhando para o pae cheios de amor.

Accenderam as lampadas, fecharam a janella e a mãe Claudina, como lhe chamavam, trouxe o grande bôlo. Steinbaum cortou-o aos bocados com a solemnidade d'um grande acto. Karl foi para o piano; com os dedos um pouco tremulos de impaciencia tocou a *sonatina* de Fombreuse. Depois Anna cantou fragmentos do *Atravez do Oceano* para Lisbeth ouvir, pois não podera assistir ao concerto.

Fez-se silencio, ia chegar o grande momento.

Lisbeth com voz sonóra disse:

— Franz, traz-me o rôlo de papel que está no quarto.

Desdobrou-o com precaução emquanto que dirigindo-se a Fombreuse disse-lhe:

— Sr. Fombreuse, pensei muito tempo no objecto que deveria offerecer-lhe na festa do seu nascimento, melhor coisa não podia arranjar que um objecto referente á vossa arte. Hontem á noite Le Cozan fazia-a applaudir, hoje o trabalho das minhas mãos permitirá espalha-la. E' o meu primeiro ensaio de gravura musical. Deverá ser indulgente para um trabalho apenas feito com sincera amizade.

Fombreuse pegou na dadiva commovido. A capa era um agua forte de Steinbaum, representando o mar, vendo-se ao longe nuvens de tempestade. Toda a obra *Atravez do Oceano* estava passada d'uma fórma notavel.

Fombreuse ficou de tal fórma nervoso que nem sabia como havia de agradecer! As crianças avançaram com flôres; atraz d'ellas Steinbaum de pé, parecia que dominava toda aquella scena tão carinhosa.

Fombreuse beijou as crianças, deu um beijo na testa de Lisbeth e abraçou o seu amigo Steinbaum,

— Foi esta familia que me deu o exemplo de poder conhecer a doçura de viver.

Anna Le Cozan levantou-se e foi para junto d'aquella que ella amava e estendeu a mão ao compositor de uma fórma tal de franqueza e lealdade que Fombreuse ficou tremulo, indeciso, olhando para a cantora com um simples olhar de agradecimento, sem poder dizer palavra.

(Continúa).



O MEZ METEOROLOGICO

Agosto de 1913

Barometro — Max. altura 767^{mm}.6 em 12.

» Min. altura 756^{mm}.1 em 25.

Termometro — Max. altura 33°.0 em 14.

» Min. altura 15°.8 em 8 e 10.

Durante o mez houve apenas cinco dias de maximas superiores a 30°. Em 13 (32°.9), 14, 15 (32°.6), 21 (31°.0) e 23 (30°.3).

Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 13 dias.

» Ceu nublado 18 dias.

Chuva — 2^{mm}.9 em 3 dias.

Humidade extrema — 92 (6) — 16 (14).

Horas de sol — 320^h.49.

Relampagos e trovões — Em 25.

Exposição de pomologia

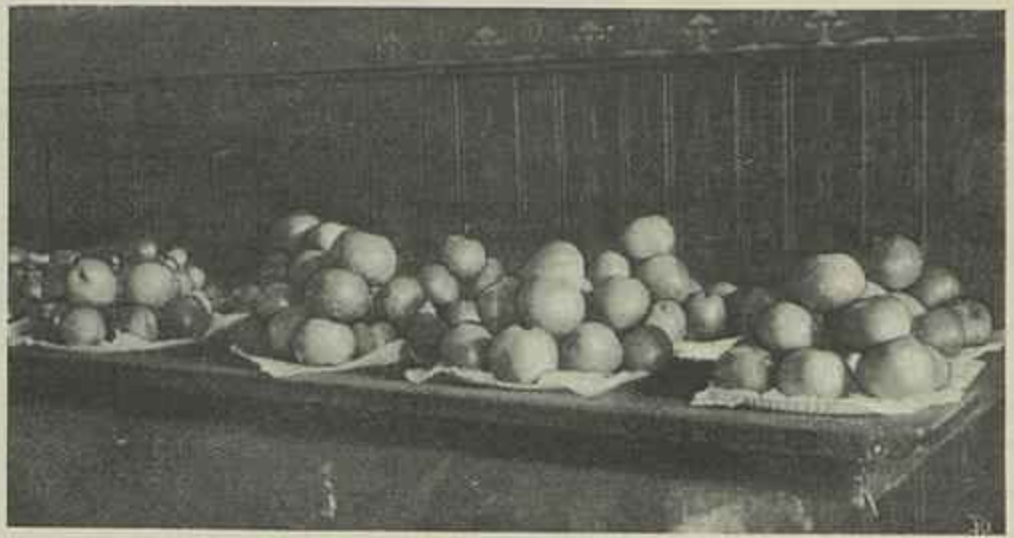
A Associação Central de Agricultura Portuguesa, inaugurou no dia 14 do corrente, na sua sede do Largo das Duas Igrejas, a segunda exposição de pomologia deste ano.

Ainda que custe a crêr, é certo que a esta exposição só concorreram os horticultores do Porto, srs. Moreira da Silva & Filhos, que o mez passado haviam tambem concorrido á primeira exposição com os otimos frutos dos seus hortos, obtendo os primeiros premios.

Mal se comprehende que em um país agrícola como o nosso, onde a pomologia tem vasta cultura apresentando a maior variedade de frutos de primeira ordem, devendo constituir um ramo de exportação importantissimo, deixasse assim ao abandono um certamen destes que é sempre um grande meio de tornar conhecidos os seus produtores e alargar a exportação de que tanto carecem. Mas a indolencia nacional parece ter mais poder do que a necessidade, e uma grande parte das nossas frutas, são mal aproveitadas por esse país fóra onde se dão aos bacoros e outras se perdem completamente.

Não pensaram assim os srs. Moreira da Silva & Filhos acudindo com os seus productos a esta

Exposição de Pomologia



FRUTOS EXPOSTOS PELA CASA MOREIRA DA SILVA & FILHOS, DO PORTO

COLISEU DOS RECREIOS
O PROSCENIO DEPOIS DA RESTAURAÇÃO AGORA FERTA

exposição, e honra lhes cabe pelas bellissimas especies que apresentaram, distinguindo-se muito especialmente na grande variedade de peras e de maçãs de mais de cem qualidades.

Estes frutos, alguns de notavel desenvolvimento, recomendavam-se tanto pelo seu lindo aspéto, como pelo seu belo aroma e sabor, como o publico teve ensejo de experimentar.

Em o n.º 1247 desta revista tivemos occasião de nos referirmos mais largamente aos srs. Moreira da Silva & Filhos como horticultores, quando aqui tratámos da primeira exposição.

Esta segunda exposição veio confirmar mais ainda o que então dissemos, e a prova está nos premios que o juri lhes conferiu e que fóram os seguintes:

Uma medalha de ouro pela sua coleção de pêras e maçãs indigenas; outra medalha de ouro, pela coleção de pêras exóticas e outra pelas maçãs exóticas; uma medalha de prata pelos restantes frutos como limas, limões, laranjas, ameixas, etc.

Conferiu ainda á casa um diploma de honra pela distincção com que apresentou os seus productos.

— Você! hontem, antes da meia noite, esbordoou o queixoso aqui presente... Isto é um crime que necessita de severo castigo.

— Bem, senhor delegado, se eu soubesse d'isto o teria surrado depois da meia noite!...

Literatura estrangeira

Amor e liberdade, de Tolstoi. Com o sub titulo de *Palavras d'un homem*, acaba a livraria Guimarães & C.ª de publicar a segunda edição d'este interessante livro que é util principalmente para aquelles que quizerem dirigir o espirito no caminho do bem e que busquem para a vida a norma de uma conducta que dignifique o individuo e o eleve na redemptora aza que é a consciencia tranquilla e satisfeita do dever. Meditando as paginas d'este livro de Tolstoi, encontrar-se ha n'ellas um seguro indicador para se orientar dentro das mais elevadas aspirações.

Rug Jargal, por Victor Hugo. Este bello romance escreveu o grande auctor francez em uns quinze dias tendo a idade de dezeseis annos. Serviu-lhe de assumpto a revolta dos negros de S. Domingos contra os francezes. Dado o assombroso genio do auctor dos *Miseraveis*, ocioso se nos torna encarecer o valor da obra que está muito bem traduzida.

E' o que por hoje temos a noticiar, agradecendo aos editores srs. Guimarães & C.ª a oferta destas belas edições.

RUY DE ABOIM.

Os avarentos são penitentes sem devoção, nem merecimento.

COLISEU DOS RECREIOS
A SALA DE ESPETACULO DEPOIS DAS OBRAS QUE LHE FIZERAM

PELOS THEATROS

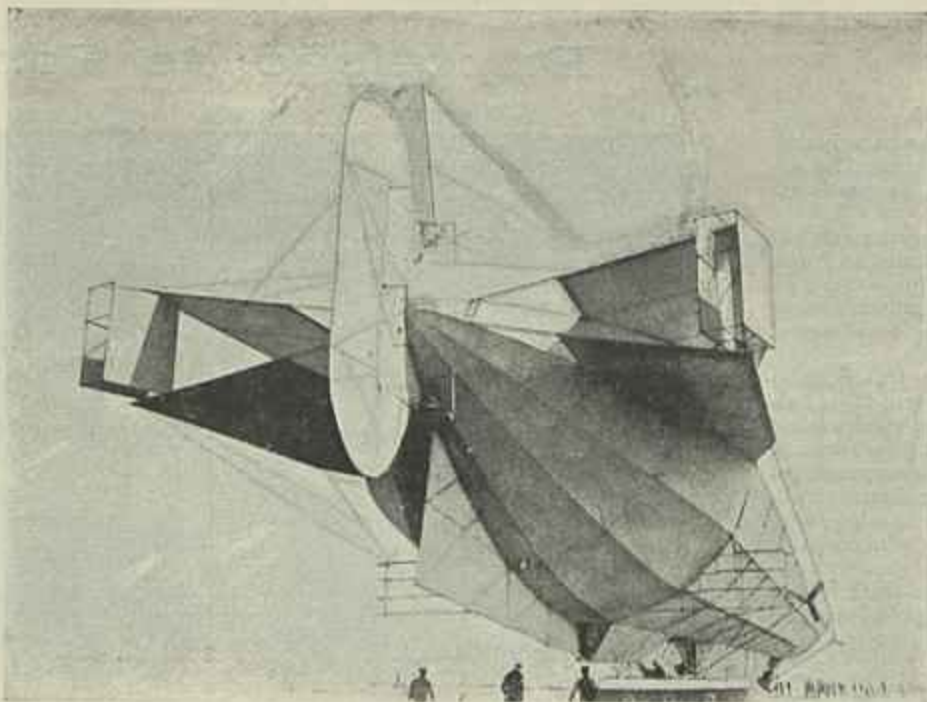
Coliseu dos Recreios

Este grande circo de espectáculos acaba de passar por uma restauração, de que tanto carecia, e que decerto vai surpreender o publico.

As decorações a branco e ouro tornaram este circo extremamente alegre, dando-lhe ao mesmo tempo um ar de opulencia pouco vulgar.

E' assim que vai inaugurar a sua época de inverno com espectáculos não menos surpreendentes, para os quaes o incançavel empresario, sr. Antonio Santos, contratou em Paris, Londres e Madrid, artistas de valor e que vão apresentar numeros de completa novidade em Lisboa, nesta casa de espectáculos, a primeira do genero na nossa capital.

A nova época é inaugurada no dia 27 do corrente.



A CATASTROFE DO DIRIGIVEL «ZEPPELIN»

A catastrophe do dirigivel «Zeppelin»

Pelo que comunicam telegramas de Berlim, mais um dirigivel *Zeppelin* se perdeu numa grande catastrophe.

O telegrafo, com o laconismo de suas noticias, participou ao mundo no dia 11 do corrente os seguintes telegramas :

«Berlim, 10 — A catastrophe do dirigivel *Zeppelin* L 1 produziu uma comoção consideravel.

O aerostato havia partido ás 11 h. 30 m. com a missão de aviso de esquadra, juntamente com os torpedeiros. Previa se uma viagem de trinta

horas. O balão manteve-se entre 1:300 e 1:500 metros de altura.

Em consequencia do frio e da chuva, o gaz contraiu-se, tendo o balão, além de isso, perdido 2:400 metros cubicos pouco mais ou menos.

O balão estava tambem muito carregado. A sua queda foi rapidissima.

Este *Zeppelin* era o orgulho da esquadra aerea alemã, pois podia aguentar-se no ar durante 50 horas consecutivas e percorrer 2:500 kilometros sem aterrar. — (Havas)

Berlim, 10 — O capitão do dirigivel L 1, expediu, muito pouco tempo antes da catastrophe, um radiotelegrama, dizendo que tencionava descer sobre a agua em vista do mau tempo e pedindo socorro.

O capitão mandou despejar os reservatorios d'agua para amortecer a queda, mas foi-lhe impossivel que o balão obedecesse aos lemes horizontaes, caíndo de 100 metros de altura com uma velocidade de 20 metros por segundo.

A parte posterior do balão foi a primeira que entrou na agua. A viga com a armação que sustenta o balão em todo o seu comprimento, ficou quebrada e a barquinha de avante mergulhou immediatamente. Com este é o nono *Zeppelin* destruido — (Havas)

Depois destes telegramas comunicaram de Hamburgo, que um barco de pesca recolhera do mar o contra-mestre Menge e o ajudante sinaleiro Huerschner do *Zeppelin* e que se procurava re-animal-os.

As victimas desta catastrophe elevam-se a 14.

Mal constou em Paris esta catastrophe, o Presidente M. Poincaré telegrafou ao Kaiser, enviando-lhe as suas condolencias.

No mesmo dia comunicavam de Leipzig, que outro dirigivel *Zeppelin*, depois de uma viagem penosa, viera aterrar no campo de manobras, onde 150 homens o seguraram; a violencia, porém, do vento arrebatou o aerostato levando um sargento e tres soldados, de que só o sargento e um soldado conseguiram entrar na barquinha e os outros dois cahiram da altura de 150 metros, morrendo.

Depois destes desastres já se deu outro em Buchenbeuren de um biplano militar, que arrastado á terra por forte vento, veio cair sobre uma massa de povo causando muitas mortes e ferindo 15 pessoas. Os tripulantes, que eram dois officaes, apenas se feriram levemente.

CONTRA A TOSSE
MARQUE PEITORAL JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldas peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effizaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos
139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias

SÓ NÃO TEM CABELLO E BARBA QUEM NÃO QUER
FAZEMOS NASCER:

Cabello aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias

Garante-se que não é nocivo

Remette-se com toda a discreção



O genuino **MOOTCY** é o unico preparo para a barba e cabello que se produz segundo as ultimas experiencias da sciencia e é provado que o genuino **MOOTCY** é o unico remedio que produz um tal effeito sobre as cellululas do cabello e as raizes da barba que crescem logo depois da applicação.

A milhares e milhares de pessoas temos com o nosso **MOOTCY** levado a felicidade. Homens notaveis e não notaveis, todos dos têm vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares d'Africa e d'Australia, é o nosso **MOOTCY** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que goza de fama universal.

O preço para o **MOOTCY** é de 2515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de duas porções, uma para a barba e outra para o cabello tem o preço especial de 45240 réis.

Com cada porção vai um certificado de garantia, pelo qual nos obrigamos a restituir o dinheiro recebido se o remedio não der resultado algum.

Se isto não for verdade pagamos ao comprador

300\$000 réis (trezentos mil réis)

Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes têm escripto a palavra **MOOTCY**. — Envia-se diariamente para todas as partes, ainda as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia em portuguez, contra pagamento adelantado ou pagamento pelo correlo no acto da entrega.

MOOTCY DEPOT, Holmens Kanal, 30, Kopenhaga, 131

O maior e o mais importante estabelecimento da especialidade na Europa. Responde-se a todas as perguntas vindo acompanhadas do respectivo porte para a resposta.

DEPOSITO EM PORTUGAL:

Ferreira & Ferreira, Successores
99, Rua da Prata, 101 — LISBOA
CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ
Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis